

**A função da arte em *Um retrato do artista quando jovem*: paradigmas estéticos**  
**The function of art in *A Portrait of the Artist as a Young Man*: aesthetic paradigms**

Idelvânia Gomes de Sousa Ribeiro<sup>1</sup>

Jonnildo Vilomar Mateus Viana<sup>2</sup>

Rejane de Souza Ferreira<sup>3</sup>

Universidade Federal do Tocantins

**Resumo:** Esta pesquisa tem o intuito de analisar *Um retrato do artista quando jovem*, de James Joyce (1882-1941), a fim de discutir de que maneira a função da arte é pensada por seu protagonista, Stephen Dedalus, que tenta se projetar como artista. Partindo dos pressupostos que o personagem é o *alter ego* do autor e que o enredo da obra se constitui em uma ficção biográfica que foi construída ao longo de dez anos (1904-1914), consideramos pertinente avaliar as principais relações intertextuais da obra a fim de ilustrar como o destino de Dedalus já estava premente desde o início do romance e como essa revelação vai sendo construída sutilmente até seu ápice, quando o herói resolve tomar posse de sua fortuna. Diante disso, pretendemos mostrar como as percepções desse personagem dialogam com os posicionamentos filosóficos de alguns pensadores, sobretudo São Tomás de Aquino. Nossa proposta se divide em três etapas. A primeira apresenta as relações intertextuais do romance que culminarão no destino do personagem como se ele já estivesse predestinado à arte desde seu nascimento, com base na fundamentação teórica de Sandra Nitrini (2000) e nas análises de Flávio Quintale (2018) e Vitor Alevato do Amaral (2022); a segunda traz alguns conceitos gerais de estética e suas aplicações nesse romance de Joyce e se fundamenta principalmente nas ideias de Katherin Rosenfield (2006) e Adolfo Sanchez (1999) e a terceira propõe o diálogo das sessões anteriores com a escolástica proposta por São Tomás de Aquino (1947), conhecida como Tomismo, no que concerne a discussão sobre a função da arte.

**Palavras-chave:** Literatura; Stephen Dedalus; Tomismo

**Abstract:** This research aims to analyze *A Portrait of the Artist as a Young Man*, by James Joyce (1882-1941), in order to discuss how the function of art is thought of by its protagonist, Stephen Dedalus, who tries to project himself as an artist. Based on the assumptions that the character is the author's alter ego and that the plot of the work constitutes a biographical fiction that was constructed over ten years (1904-1914), we consider it pertinent to evaluate the main intertextual relationships of the work in order to illustrate how Dedalus' destiny was already pressing from the beginning of the novel and how this revelation is subtly constructed until its climax, when the hero decides to take possession of his fortune. Given this, we intend to show how this character's perceptions dialogue with the philosophical positions of some thinkers, especially Saint Thomas Aquinas. Our proposal is divided into three stages. The first presents the intertextual relationships of the novel that will culminate in the character's destiny as if he

---

<sup>1</sup> Mestranda em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Professora do Instituto Federal do Tocantins – IFTO. Licenciada em Letras pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. E-mail: idelvania.ribeiro@ifto.edu.br.

<sup>2</sup> Mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT. Bolsista Capes. Licenciado em História pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: vilomardrums.vn@gmail.com.

<sup>3</sup> Possui Pós-doutorado em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense - UFF, Doutorado na Universidade Federal de Goiás - UFG. Foi bolsista PDSE da CAPES na University College Dublin - UCD. Professora de literatura de língua inglesa na UFT, onde também atua no Programa de Pós-Graduação em Letras. E-mail: rejaneferreira@mail.uft.edu.br.

were already predestined to art since his birth, based on the theoretical foundation of Sandra Nitrini (2000) and the analyzes of Flávio Quintale (2018) and Vitor Alevato do Amaral (2022); the second brings some general concepts of aesthetics and their applications in this novel by Joyce and is based mainly on the ideas of Katherin Rosenfield (2006) and Adolfo Sanchez (1999) and the third proposes the dialogue of the previous sessions with the scholasticism proposed by Saint Thomas de Aquinas (1947), known as Thomism, regarding the discussion about the function of art.

**Key-words:** Literature; Stephen Dedalus; Thomism

**Recebido em 03 de julho de 2023.**

**Aprovado em 15 de dezembro de 2023.**

## **Introdução**

A presente análise tem o intuito de compreender o romance *Um retrato do artista quando jovem*, de James Joyce, a partir dos princípios estéticos que delineiam a função da arte, com base nas percepções do protagonista, Stephen Dedalus. Considerando que o romance sob escrutínio é um romance de formação (*Bildungsroman*), e mais precisamente, um romance de formação do artista (*Künstlerroman*), conforme definiu Harry Levin (1960), consideramos pertinente resgatar as manifestações da formação do caráter artístico de Stephen Dedalus por meio dos intertextos contidos na obra, para em seguida discutirmos os paradigmas estéticos presentes do romance e promover o diálogo com a teoria Tomista.

### **1. Um retrato, alguns intertextos**

A visão de Joyce sobre a arte e sua função, é influenciada por situações e leituras impactantes de sua infância e juventude. O *alter ego* do escritor irlandês, notadamente representado por Stephen Dedalus, no romance *Um retrato do artista quando jovem*, assume um papel crucial ao explorar as complexas interações entre o artista, a sociedade e os desafios inerentes à busca pelas deficiências e originalidade artística. Algumas dessas reflexões residem na importância da arte como meio de expressão e compreensão do mundo, somado a uma euforia juvenil, própria da idade e ao confronto com os dilemas seculares. Mas antes que essas reflexões se apresentem no capítulo cinco do referido romance, os capítulos que o antecedem e a epígrafe já apontam os motivos condutores do que virá a seguir, tais motivos antecipados são denominados *leitmotive*.

Esta análise, no entanto, se deterá nos *leitmotive* que dialogam com outras obras literárias, pois embora Stephen Dedalus possa ser considerado o *alter ego* de Joyce,

conforme mencionamos, *Um retrato do artista quando jovem* "não é pura biografia, mas um romance autobiográfico", como nos lembra Vitor Alevato do Amaral (2022, p. 459). Portanto, Joyce manipula sua própria história intencionalmente, em certa maneira, justificando a sua existência por meio da arte, como se ele estivesse predestinado a seguir este caminho desde o início da sua vida, da mesma forma que o embate religioso e mundano estava fadado a perdurar toda sua existência. Por isso, seu eu literário será chamado de Stephen Dedalus. Um nome composto por um prenome de origem cristã e um sobrenome de origem pagã. Stephen é um nome que homenageia Santo Estêvão, o primeiro mártir do cristianismo, um judeu helenizado, isto é, que vivia conforme a cultura grega. Sua grafia original em grego é *Στέφανος* (Stéfanos) e significa "coroadado". Dedalus, por sua vez, é uma variação da versão latina *Daedalus* e significa confusão, labirinto, de modo que a organização do nome carrega em si mesma o conflito do personagem (Cf. Amaral, 2002) que já estava fadado ao seu destino desde o nascimento quando assim foi nomeado. Se retomarmos a origem de cada parte desses nomes, estaremos nos adentrando no campo intertextual da obra.

Segundo Sandra Nitrini (2000), a intertextualidade<sup>4</sup> aparece como conceito que nos possibilita pensar um determinado texto literário como fonte donde emana relações de diálogos com outras literaturas. Através da intertextualidade destaca-se a natureza interconectada da linguagem e realça o sentido de um texto construído em relação a outros textos dentro de um contexto cultural e literário mais amplo. Logo, passamos a entender a construção de um determinado texto, ou obra literária, como fruto de aproximações mantidas com outras literaturas.

A intertextualidade se insere numa teoria totalizante englobando suas relações com o sujeito, o inconsciente e a ideologia, numa perspectiva semiótica. [...] Resolver o problema das relações entre texto e processos semióticos que aí se articulam é explicar como se constitui o "sujeito" ou a sua ausência. (NITRINI, 2000, p. 158).

Consequentemente, é a partir dessa ótica, que é possível visualizar a estrutura literária como mecanismo intrincado que mantém múltiplas relações com outras obras literárias. É assim, que o Stephen Dedalus de Joyce será construído, a partir do mito

---

<sup>4</sup> Uma das principais contribuições teóricas são advindas de Tiphaine Samoyault (2018), autora de grande importância para a compreensão das relações de intertextualidade provenientes dos estudos literários, ou seja, das correlações e diálogos que obras de diferentes gêneros podem manter. É com base nas contribuições da autora que se aborda as relações intertextuais como fenômeno próprio da escrita literária, pois cada autor quando esboça suas ideias e constrói o enredo de suas narrativas literárias, terminam por dialogar com questões oriundas do universo simbólico em que vive. Consequentemente, podem ser frutos de relações com ontologias de mundo de outras literaturas com as quais o escritor teve contato.

cristão de Santo Estevão e do mito grego de Dédalo. De acordo com a doutrina católica, Santo Estêvão, ou São Estevão, é reconhecido como protomártir, representando o primeiro mártir cristão, sua história é relatada no Novo Testamento da Bíblia, no Livro dos Atos dos Apóstolos. Reconhecido por sua fé inabalável e discursos eloquentes sobre a fé cristã, Estêvão enfrentou acusações de blasfêmia e fora condenado à morte por apedrejamento. Paralelamente, à relação do nome de Stephen com Santo Estêvão, ocorre uma conexão mitológica com Dédalo, figura grega notória por projetar o Labirinto para abrigar o Minotauro, uma criatura meio homem e meio touro, resultado de uma maldição. Após a conclusão da obra, Dédalo e seu filho, Ícaro, ficaram aprisionados no Labirinto, levando-o a traçar um plano de fuga que, devido a desobediência de Ícaro, resultou em uma grande tragédia (Cf. Ovídio, 2017).

Essa interligação do nome do personagem estabelece complexas relações entre as esferas cristã e pagã. Stephen Dedalus, um jovem curioso, passa a questionar e refletir sobre seu nome. Essas indagações tornam-se, ao longo da obra, parte do processo de sua formação e busca por identidade. Ainda na escola, ele fora, muitas vezes, questionado sobre o significado de seu nome o que o deixava desconcertado e pensativo:

“E um dia tinha perguntado: – Como que é seu nome? Stephen tinha respondido: – Stephen Dedalus. Aí o Malvado tinha dito: – E isso lá é nome? [...] “Você tem um nome esquisito, Dedalus, e eu tenho um nome esquisito também, Athy. O meu é o nome de uma cidade. O seu parece latim”. (JOYCE, 2016, p. 21; 40).

Embora tenhamos iniciado a nossa explanação a partir do nome do protagonista, o romance sob escrutínio inicia-se com uma epígrafe que é um trecho incompleto do livro VIII da *Metamorphoses*, do poeta latino, Ovídio. Joyce coloca a citação em latim: "*Et ignotas animun dimittit in artes*". Caetano Galindo apresenta a seguinte tradução para este excerto: "E ele voltou seu espírito para as artes desconhecidas" (JOYCE, 2016, p. 17). De acordo com Luiz Henrique Braga e Ravel Giordano Paz (2020), a citação de Ovídio pode ser compreendida como uma sofisticada expressão da ânsia de Stephen Dedalus em busca de renovação, assemelhando-se, assim, ao mito grego de Dédalo. Este último escapou do labirinto que ele mesmo concebera, através de sua sagacidade, construiu asas de madeira e pena de pássaros, permitindo-lhe escapar do confinamento. O *alter ego* de Joyce, por sua vez, almejava encontrar a saída para o labirinto que caracterizava sua própria existência. Ele desejava libertar-se do labirinto que o

circundava, representado, na época em questão, pela influência da família, da igreja e do seu país. A inflexão em direção à busca pela liberdade ocorre à medida que esses personagens dirigem sua atenção para novos desafios, notadamente voltando-se para as artes como meio de emancipação.

Dessa forma, a intertextualidade entre Stephen Dedalus e o mito de Dédalo e Ícaro enriquece a narrativa ao explorar a busca por liberdade artística, o desafio às convenções sociais e as consequências da autonomia individual. Assim, como Dédalo almeja liberdade ao escapar do labirinto, Stephen Dedalus aspira à liberdade artística e intelectual, desafiando as restrições sociais e religiosas. O mito da queda de Ícaro, ao voar muito próximo ao sol, espelha as escolhas ousadas de Stephen, que enfrenta as implicações de desafiar normas preestabelecidas. A relação pai-filho, evidente em Dédalo e Ícaro, reflete-se em Stephen Dedalus, com a figura paterna moldando suas escolhas e busca por identidade. Por fim, a desobediência, que culmina na queda de Ícaro, emerge como metáfora das consequências que Stephen enfrenta ao desafiar as normas sociais. Nesse contexto, a intertextualidade entre o mito clássico e a obra de Joyce amplia a profundidade temática, proporcionando uma reflexão rica sobre o processo de construção da identidade, a partir da metamorfose e da transformação do personagem ao longo de sua formação.

Flávio Quintale (2018) destaca o processo de maturação do personagem Stephen, observando que sua infância é caracterizada por uma ingenuidade e passividade marcantes e ressalta a dependência do ambiente externo para sua formação. Dessa forma, o contato exterior com obras clássicas corrobora com esse processo de amadurecimento e descoberta, Stephen por vezes imaginava-se na figura de Edmond Dantès em *O Conde de Monte Cristo*, romance do francês Alexandre Dumas, “a figura daquele vingador das trevas representava em sua mente tudo o que tivesse ouvido ou deduzido na infância a respeito do que fosse estranho e terrível” (JOYCE, 2016, p. 84). Na trama, Edmond é preso injustamente em uma prisão na ilha de If, no cárcere, faz amizade com outro detento que lhe revela a localização de um tesouro escondido na ilha de Monte Cristo. Ao escapar da prisão, encontra o tesouro e assume a identidade do misterioso Conde de Monte Cristo, o que marca o início de uma jornada de vingança e busca por justiça.

O paralelo entre as duas histórias demonstra que tanto Stephen quanto Edmond Dantès evoluem de figuras ingênuas e passivas para indivíduos mais complexos e

determinados, refletindo em um desenvolvimento significativo ao longo de suas jornadas. As transformações na vida dos personagens revelam aspectos da natureza humana em suas complexidades a partir de temas como vingança, paixão, traição, inveja e redenção, permeados por complexidades morais e éticas, que influenciam na formação do indivíduo. Essa relação demonstra como as narrativas literárias podem transcender épocas e contextos específicos, explorando aspectos universais da condição humana.

Ainda nessa relação de intertextos presentes na obra *Um retrato do Artista Quando Jovem* e sua influência sobre o processo de formação de Stephen Dedalus, destaca-se a poesia de Lord Byron. Em uma situação típica do contexto escolar ao ser questionado sobre quem seria o melhor dos poetas, Stephen, de maneira incisiva, responde que Byron era superior, gerando uma certa discordância dos colegas e defendido veementemente pelo protagonista. Byron, poeta britânico, representante do Romantismo, ganhou fama tanto por sua poesia, quanto por seu estilo de vida extravagante e muitas vezes controverso. Sua poesia revela uma autêntica expressão individual, subjetividade e desafio às convenções sociais. Paralelamente, Stephen também manifesta características românticas em sua personalidade, evidenciada pela busca de sua individualidade e rejeição às tradições impostas pela sociedade irlandesa e pela Igreja Católica. Alinhando-se, aos ideais românticos na busca por sua própria verdade artística e intelectual.

Assim, a construção do personagem apresenta uma rica abordagem de intertextos literários, que moldam a formação do protagonista. A presença dos clássicos demonstra que seu nome faz referência a elementos sagrados e profanos e essa junção é fundamental para moldar sua personalidade e ampliar a discussão sobre o papel do artista no contexto da literatura irlandesa no final do século XIX. Cada referência literária contribui para a formação intelectual de Stephen e sua compreensão da arte, da linguagem, da filosofia, política e religião, por fim, adiciona dimensões significativas à complexa personalidade do protagonista. “Agora, mais do que nunca seu estranho nome lhe parecia profético. Tão atemporal lhe parecia o ar quente e cinza, tão fluido e impessoal seu próprio estado de espírito, que todas as eras lhe eram uma só”. (JOYCE, 2016, p. 206)

Dessa forma, acreditamos que os fatores aqui elencados foram responsáveis por imprimir na personalidade do artista uma maneira peculiar de sua aproximação com o universo artístico. Essa relação orquestrou-se a partir de um encadeamento de

acontecimentos pessoais que o fizeram mudar sua visão de mundo em relação à formação ortodoxa pela qual havia passado durante a juventude. Nesse contexto, esta obra se trata de um retrato que James Joyce criou acerca das suas primeiras formas de perceber o mundo, perfazendo um tipo de exercício mnemônico de seu passado.

Portanto, os elementos formativos da educação que recebera serviram de substrato para inquietações, culminando em uma alteração mais exaltada da personalidade de Joyce frente aos paradigmas de sua formação cristã. Contudo, ao chegar à universidade, ele ousou transgredir e romper com o universo simbólico de sua formação, permitindo uma mudança radical tanto de pensamento quanto de identidade. Dessa forma, *Um retrato do artista quando jovem* apresenta profundas inquietações que impactam o humano. Na narrativa, percebe-se Stephen Dedalus engajado em dialogar com questões filosóficas de Tomás de Aquino, imprimindo assim, uma ontologia de mundo que lhe era singular. Esse diálogo, centrado em um tema fundamental para o universo artístico, aborda a função da arte para a vida do artista. Discutiremos sobre isso a seguir.

## 2. Paradigmas sobre estética

Questões filosóficas abrangentes dentro da ciência do belo surgem quando se trata de arte e paradigmas estéticos. Busca-se compreender através de um parâmetro racional, as manifestações do ideal de beleza tanto na natureza quanto nas artes produzidas pelos homens. Assim, de acordo com Kathrin Rosenfield (2006), a estética é uma área que versa sobre o sentimento e, também, sobre os impactos que determinado apreciador sente quando se reverencia ou confecciona os diferentes tipos de arte. Sobre essa questão a autora fundamenta os estudos de estética:

O termo e a disciplina "estética". A palavra "estética" vem do grego *aísthesis*, que significa sensação, sentimento. Diferentemente da poética, que já parte de gêneros artístico constituídos, a estética analisa o complexo das sensações e dos sentimentos, investiga sua integração nas atividades físicas e mentais do homem, debruçando-se sobre as produções (artísticas ou não) da sensibilidade, com o fim de determinar suas relações com o conhecimento, a razão e a ética. A questão básica proposta pelo termo gira em torno do problema do gosto: nossos juízos de valor e preferências quanto às coisas sensíveis são meramente subjetivos e arbitrários? As regras de gosto seriam meras convenções normas impostas pela autoridade de grupos ou indivíduos (ROSENFELD, 2006, p. 1)?

Ademais, de acordo com as indagações levantadas, pode-se pensar que um dos principais elementos motivadores das investigações sobre a estética centram-se na

tentativa de amainar a conturbação do homem em relação ao mundo dos sentidos, por meio do qual ele capta o mundo em sua volta e o representa através da arte e daquilo que o inquieta. É a partir dos sentidos que o ser humano retrata as principais questões de seu imaginário, onde a arte termina por se constituir como porta-voz do pensamento individual. Portanto, será na tentativa de traduzir a pulsação artística por meio do qual grandes temas se apresentam que melhor se compreenderá as visões de mundo provenientes do universo simbólico de determinada obra. Em *Um retrato do artista quando jovem* isso se manifesta na necessidade do protagonista de fazer ecoar a sua voz em meio às vozes discordantes da sociedade. Isso ocorre, através de reflexões filosóficas, diálogos internos e as experiências vivenciadas por Stephen que o levaram a discutir questões essenciais relacionadas à construção da sua identidade, liberdade artística e o papel do artista na sociedade.

Seu destino era escapar de ordens sociais ou religiosas. A sabedoria dos argumentos do padre não o tocou fundo. Estava destinado a aprender sua própria sabedoria separado dos outros ou aprender sozinho a sabedoria dos outros, errando por entre as ciladas do mundo (JOYCE, 2016, p. 198).

Desse modo, a busca pelo entendimento do seu processo de criação artística ocorre quando o protagonista entende a sua capacidade crítica, sua alma sedenta e questionadora, esse entendimento abrange a arte, e a compreensão de que a relação do homem com a arte passa pelo crivo da percepção. Após esse processo é possível expressá-la a partir de categorias de pensamento que cada artista internaliza. É nesse sentido, que se considera importante esse diálogo, sendo os estudos da estética uma ferramenta essencial para a análise mais precisa do estilo e da forma como o autor se relaciona com questões fundamentais circunscritas à filosofia da arte. Nesse contexto específico, versa sobre a natureza da arte, da beleza e do belo.

Segundo Adolfo Sanchez (1999), os estudos da estética são importantes para compreensão aprofundada das manifestações do belo em diversas formas artísticas. Uma vez que as categorias de belo e beleza são objetos de análises estéticas e abordam questões como o significado, o impacto emocional, a criatividade, a originalidade e a interação complexa entre o artista, a obra de arte e o espectador. Essa observação é relevante, uma vez que evidencia a percepção de Joyce sobre a função real da arte no contexto da vida humana. Tal perspectiva apresenta-se em um contexto mais amplo de leituras e releituras promovidas por intelectuais do universo cristão, destacando-se a

influência de pensadores como São Tomás de Aquino. Sendo assim, conforme respondia aos intelectuais da igreja acerca de questões relacionadas à real função da arte e de suas noções do que era o belo, um diálogo plural termina por se consolidar. Essa interação, marcada por uma abordagem diversa, solidifica-se à medida em que Stephen Dedalus expõe suas considerações em relação às ontologias do mundo que o moldaram e com às quais estava rompendo.

Nunca desobedeceu ou permitiu que companheiros turbulentos o desviassem de seu hábito de obediência silente, e, mesmo quando duvidava da afirmação de um mestre, jamais teve a presunção de duvidar abertamente. Nos últimos tempos algumas opiniões deles tinham parecido algo infantis aos seus ouvidos e tinham feito ele sentir certo remorso e certa pena como se estivesse lentamente saindo de um mundo familiar e ouvindo sua língua pela última vez (JOYCE, 2016, p. 191).

Vejam, a seguir, como as ideias de São Tomás de Aquino contribuem para a libertação de Stephen Dedalus.

### 3. A arte e seus diálogos com a teoria Tomista

No capítulo cinco de *Um retrato do artista quando jovem*, o protagonista Stephen Dedalus atravessa um significativo processo de amadurecimento. Nesse período, uma série de experiências e reflexões conduzem-no ao crescimento espiritual e à busca por liberdade intelectual. Não interessado nas principais discussões políticas que permeavam o universo acadêmico, o jovem volta-se para o debate artístico e estético como meio de alcançar autoconhecimento, liberdade e a construção de sua identidade pessoal. No desenrolar da narrativa, questionamentos emergem, culminando em uma conversa à beira da lareira com o decano do Belvedere College. Ambos discutem sobre a técnica ideal para se acender o fogo. O clérigo, engajado em um diálogo com Stephen Dedalus, sustenta a existência de uma arte no ato de se acender uma lareira. Ele associa essa habilidade às “artes liberais”<sup>5</sup>, e às “artes uteis”<sup>6</sup>, naquele caso específico, a manifestação dessa última, expresso no ato cotidiano da arte de se acender a lareira. Então declara:

<sup>5</sup> As artes liberais era um conjunto de disciplinas que compunham o *Trivium* e o *Quadrivium*, modelos pedagógicos que versavam sobre a educação nas artes da lógica, gramática, retórica, aritmética, astronomia, música e geometria (C.f. ALVES, 2017).

<sup>6</sup> Há um tom irônico empregado na fala do clérigo quando este se refere a arte de acender a lareira, designando-a como uma arte útil, como se esta última fosse o revés das artes liberais, essas sutilezas devem ser compreendidas de uma maneira mais aprofundada, num plano que consiga captar tal dito como um construto proveniente da voz do escritor, algo que de certa forma não faz parte da discussão, mas é justo assinalar.

Um momento só, sr. Dedalus o senhor vai ver. Há uma arte para se acender uma lareira. Existem as artes liberais e existem as artes úteis. Esta aqui é uma das artes úteis. [...] O decano se apoiou nos calcanhares e ficou vendo o fogo pegar. Stephen, para preencher o silêncio, disse: – Eu não sei se eu consigo começar um fogo. – O senhor é artista, não é, sr. Dedalus? Disse o decano, espiando de baixo e piscando os olhos claros. – Os fins do artista são a criação do belo. O que é belo já é outra questão (JOYCE, 2016, p. 226 e 227).

É a partir dessa situação que se trava o diálogo entre Stephen Dedalus e o decano a respeito das teorias estéticas de Tomás de Aquino, presentes na obra. A discussão enfatiza as relações de intertextualidade, de modo a projetar para o leitor uma intersecção entre o sistema das artes e o produto do trabalho do artista. Essa relação termina por se fazer presente nos aspectos da vida cotidiana, como se ali houvesse uma expressão alarmante e veemente do que é constituído e formado pela arte, dela é que se emana substratos considerados simples e complexos, nos quais a questão sobre o belo é o que diferencia o produto de um tipo de arte em relação a outra.

Os questionamentos em relação à teoria tomista, instigam Stephen Dedalus a citar passagens em latim de Tomás de Aquino.

Tomás de Aquino – respondeu Stephen – diz que *pulcra sunt quoe visa placenta*<sup>7</sup>. – Este fogo aqui diante de nós – disse o reitor – vai agradar aos olhos. Será, portanto, belo? – Na medida em que for apreendido pela visão, o que eu suponho que signifique aqui a inteligência estética, ele vai ser belo. Mas Aquino também diz que *Bonum est in quod tendit appetitus*<sup>8</sup>. Na medida em que ele satisfaz o desejo animal de calor, o fogo é bom. No inferno contudo, é mau (JOYCE, 2016, p. 227-228).

Essa passagem expressa as funcionalidades do belo. Stephen Dedalus, no entanto, cita Tomás de Aquino de forma deturpada, conforme aponta o tradutor Caetano Galindo (Cf. notas 7 e 8). Apesar de a citação não ter sido apresentada fielmente, o decano não corrige Stephen, ao contrário irá reforçar a interpretação do jovem: “– Muito bem – disse o decano –, o senhor com certeza acertou em cheio” (JOYCE, 2016, p.228). Na *Suma teológica*, Tomás de Aquino categoriza o conceito de belo em duas vertentes, a partir da “definição por meio de efeito” e, também, por via da “definição da essência”. Sendo assim, a primeira definição atribuída a um objeto belo é determinada pelo impacto que este causa no observador. Muito embora, seja possível adquirir uma

<sup>7</sup> Caetano Galindo, em nota de rodapé, traduz a citação por “O belo é o que agrada aos olhos” e avisa ao leitor que esta citação está “ligeiramente diferente na *Suma teológica*, de São Tomás de Aquino, parte 1, questão 5” (JOYCE, 2016, p.227).

<sup>8</sup> Galindo também traz essa tradução em nota seguida de sua própria observação: “‘O bom é o que atende aos nossos desejos’. Outra citação enviesada do mesmo trecho da *Suma*” (JOYCE, 2016, p. 228).

apreciação estética do belo pelas categorias imanentes ao ser, e que pertença ao campo da essência dos objetos. Assim, Tomás de Aquino aborda a complexidade desta questão da seguinte forma:

O belo, porém, diz respeito à faculdade cognoscitiva, pois, chamam-se belas às coisas, que, vistas, agradam. E, por isso, o belo consiste na proporção devida; pois os sentidos se deleitam com os seres, devidamente proporcionados, como se lhes fossem semelhantes; porque eles, ao modo de toda virtude cognoscitiva, são, de certa maneira, proporção. Ora, o conhecimento implicando assimilação, e está supondo uma forma, o belo depende, propriamente, da noção de causa formal. (AQUINO, 1947, I, q.5, a.4, ad 1).

Com base no exposto, percebe-se que a noção de “belo” está associada à faculdade da cognição, configurando-se um objeto que afeta diretamente os sentidos, que captam tal atributo e posteriormente é assimilado pela razão. É nesse sentido, que Tomás de Aquino alude aos elementos que agradam quando são vistos, pois, em um primeiro instante deleitam aos seres humanos por meio de impacto sensorial, gerando um efeito que reverbera em nossos sentidos. Contudo, vale ressaltar que, mesmo quando o decano cita as teorias de Aquino para referendar sua categoria tomista de pensamento e orientar pedagogicamente o jovem Stephen Dedalus, percebe-se uma ligeira alteração no foco da discussão. O enfoque da argumentação centra-se na natureza do que é considerado “bom”. Assim, delineia-se um encadeamento sistemático nesse diálogo, uma vez que a definição do belo parece exigir, conseqüentemente, uma predicação instantânea, a qual, naquele momento, se manifesta, por meio da categoria do “bom”. De modo que, possivelmente, a cogitação do “belo” não poderia ser negligenciada sem que antes fosse compreendida como força criadora do que era “bom”. Eis portanto, a distinção entre o fogo da lareira que ambos tentavam acender e o fogo do inferno. Essa ilustração pedagógica, é um claro exemplo de como as artes não só auxiliam os seres humanos em relação às atividades úteis da vida, mas também os capacitam a alcançar sofisticadas reflexões estéticas acerca de sua funcionalidade.

Em uma ocasião subsequente, surgem inquietações que versam sobre a definição mais pertinente de beleza e à forma pela qual o artista poderia expressá-la. Stephen Dedalus formula a questão, recebendo uma resposta decisiva por parte do clérigo, evidenciada no trecho:

A pergunta que o senhor me fez agora há pouco me parece mais interessante. O que é a beleza que o artista tenta expressar a partir da terra úmida? Disse Stephen

friamente. [...] E distinguir entre o belo e o sublime – o decano acrescentou – distinguir entre a beleza moral e a beleza material. E inquirir qual tipo de beleza é adequado a cada uma das artes. [...] No estudo dessas especulações – disse o decano conclusivamente – há no entanto o risco de se morrer de inanição. Primeiro o senhor precisa conseguir o seu diploma. Tenha isso em mente como um primeiro objetivo. Depois, pouco a pouco, o senhor vai entender qual é o caminho. (2016, p. 232-233).

Dessa forma, as inquietações e anseios de Stephen Dedalus em compreender os conceitos do que seria o belo e o sublime, revelam-se como um questionamento inserido em um contexto mais amplo, em que diversos estudiosos de sua época se debruçaram em busca de respostas. Nesse sentido, o decano orienta-o a priorizar a obtenção do diploma, instigando-o a amadurecer suas reflexões ao longo de sua formação. A sugestão é que, em um momento posterior, Dedalus esteja mais preparado para abordar e aprofundar-se nas questões complexas que o inquietavam. Sob o ponto de vista do decano, à medida que Stephen Dedalus aprofundasse sua investigação, os exemplos e indagações por ele apresentados tornar-se-iam mais sólidos e consistentes, aproximando-se das respostas que tanto almejava. Tal processo, o permitiria lidar com mais destreza com questões por vezes indissolúveis. Somente o transcorrer do tempo e as vivências experienciadas poderiam capacitá-lo a formular conceitos e alcançar respostas para as questões que o inquietavam profundamente.

Nessas reflexões sobre a arte e o belo, ao dialogar com o padre da congregação, Dedalus manifesta sua visão, a qual se entrelaça às questões filosóficas propostas por Tomás de Aquino. Dentro dessa concepção estética ocorre uma tentativa de decifrar as amarras que o aprisiona e o impede de alcançar a liberdade, esse processo inclui a necessidade de romper os laços sociais, familiares e religiosos. Nesse contexto, explora as concepções artísticas e filosóficas da teoria estética de Tomás de Aquino, estabelecendo paralelos entre as questões de liberdade artística e de expressão individual presentes na filosofia tomista. A escolha por este filósofo e teólogo católico do século XIII não é gratuita. São Tomás de Aquino contribuiu significativamente para o desenvolvimento do pensamento cristão. Sua obra, embora notoriamente centralizada na filosofia e teologia, destaca-se também, por abordar, de maneira significativa, reflexões a respeito da arte e da natureza do belo. Suas reflexões sobre esses temas fornecem uma valiosa contribuição para se compreender as intersecções entre a filosofia cristã e as diferentes manifestações artísticas.

De acordo com Ariano Suassuna (2012), a arte tomista se relaciona de uma maneira dinâmica com os postulados aristotélicos sobre a arte. De certa forma, a visão

tomista sobre esse tema pode ser compreendida como uma adaptação dos pressupostos filosóficos de Aristóteles, especialmente em relação às questões teológicas e doutrinárias do pensamento cristão, católico e medieval. Enquanto Aristóteles priorizava a atividade “fabricadora” da arte, seguida em segundo plano pela determinação intelectual, os tomistas invertiam essa posição, conferindo maior valor à determinação intelectual. Essa inversão é destacada por Suassuna em sua obra *Iniciação à Estética*:

Os escolásticos e tomistas baseiam-se nas ideias aristotélicas para formular sua teoria da Arte. Definem a Arte como *recta ratio factibilium*, ou seja, “a reta determinação das coisas a fazer”, de acordo com a interpretação de Jacques Maritain [...] Isto significa, que o mais importante, na Arte, não é propriamente a feitura do objeto, é a criação anterior, a invenção realizada pelo intelecto. Aristóteles colocava em primeiro lugar a atividade “fabricadora” da Arte, reservando o segundo lugar para a determinação intelectual presente na criação artística. Os tomistas invertem os termos, dando mais relevo a este último. Isto porque, “a obra por fazer é apenas a *matéria* da Arte, sua forma é a *reta razão*” (SUASSUNA, 2012, p.93).

Observa-se, então, que os adeptos da filosofia tomista atribuem razão ao papel primordial da arte. Nessa perspectiva, a obra de arte é concebida como matéria, uma expressão da engenhosidade do intelecto, a materialidade da obra constitui apenas a manifestação tangível da capacidade intelectual do artista.

Em consonância com as ideias de Aquino, no âmbito dessa visão de arte, Stephen Dedalus, destaca a importância do caráter intelectual como premissa fundamental para criação artística. Segundo ele, “A verdade é contemplada pelo intelecto que é apaziguada pelas relações mais satisfatórias do sensível. O primeiro passo na direção da verdade é compreender o próprio intelecto” (JOYCE, 2016, p. 255). Assim, Dedalus enfatiza a relação entre a apreensão da verdade, a harmonização com as experiências sensoriais e o entendimento intelectual, como sendo fundamentais para a verdadeira expressão artística. Enir Cigognini (2016), no tocante a esse tema, acrescenta que a teoria tomista da arte enfrenta o desafio de ser fiel à tradição doutrinária cristã, enquanto, simultaneamente, suscita questões filosóficas relacionadas à estética, destaca que:

De um lado a tradição cristã que vê o mundo como uma obra cuidadosamente elaborada por Deus e, por isso, admirá-la assume um tom místico e até sobrenatural; de outro a tradição aristotélica que valoriza a atividade dos sentidos e consequentemente os objetos sensíveis admitindo serem imprescindíveis no processo de conhecimento (CIGOGNINI, 2016, p. 78).

À vista disso, como teólogo e defensor do cristianismo, Tomás de Aquino atribui valor significativo à arte como veículo de instrução religiosa de cunho pedagógico. Em sua concepção, a arte desempenhava o papel de guiar a alma em direção a uma elevação espiritual mais profunda, conduzindo assim, a uma maior proximidade e conexão das pessoas com Deus.

Em várias passagens de *Um retrato do Artista Quando Jovem* com destaque para o capítulo cinco, podemos observar a jornada de Stephen Dedalus citando Aquino como uma interpretação autoral da obra do filósofo, na qual ele busca sua identidade e o seu despertar como artista. Suas experiências religiosas o permitem ter concepções artísticas desenvolvidas, no entanto impõe sua marca em busca de liberdade estética e criativa. Como se expressa em:

Falar dessas coisas e tentar entender sua natureza e, depois de entendê-la, tentar lenta e humilde e constantemente exprimir, espremer de novo dali, da terra grosseira ou do que ela evoca, do som e da forma e da cor que são os portões da prisão da nossa alma, uma imagem da beleza que viemos a compreender. Isso é a arte. (JOYCE, 2016, p. 253).

Portanto, observa-se que essa definição de arte como elemento libertador, apresenta-se com características peculiares para se entender o processo de maturação de Stephen Dedalus. Nesse processo, ocorre a busca de escapar do confinamento imposto pelo contexto social, religioso e familiar que o aprisionava, de maneira que, a expressão artística faz-se rota emancipadora para o personagem. Ele enfatiza que sua teoria poderia vir a ser chamada de “Aquino Aplicado” (JOYCE, 2016, p. 256) e acrescenta “no que se refere a este lado da filosofia estética, Aquino vai me conduzir direitinho” (JOYCE, 2016, p. 256-257).

Apesar da relação estabelecida, podemos notar a teoria estética abordada por Dedalus e a perspectiva tomista discordam substancialmente na maior parte das ideias, principalmente no que diz respeito à concepção da arte como elemento educativo e religioso. Conforme a teoria de Tomás de Aquino, o belo residia no simbolismo e no idealismo das coisas, enquanto Dedalus, interpretando a visão de Aquino, concebe-o como “a descoberta e a representação artística do propósito divino em qualquer coisa ou uma força ou generalização que faria a imagem estética se universalizar” (JOYCE, 2016, p. 260). Para além do propósito divino subjacente à teoria de Aquino, Dedalus concebe que a arte é inerente ao sujeito apreciador. “Essa qualidade suprema é sentida pelo artista quando a imagem estética é originalmente concebida em sua imaginação”

(JOYCE, 2016. p. 261). Dessa forma, a arte assume uma forma de expressão pessoal, constituindo uma busca que seja verdadeira para si mesmo, que transcende as expectativas alheias. Nessa perspectiva, se torna um meio pelo qual o indivíduo encontra sua própria voz, transmitindo sua visão única do mundo.

Assim, a arte cumpriria o caráter libertador que Stephen Dedalus tanto almejava, desvinculado das limitações impostas pelas convenções sociais e religiosas. Desse modo, a busca por seu amadurecimento artístico e desenvolvimento criativo se concretizaria, permitindo-lhe transcender as limitações da realidade em busca de uma concepção de arte mais profunda e duradoura. Na perspectiva de Dedalus a liberdade encontrava-se “na beleza no sentido mais amplo do termo” (JOYCE, 2016. p. 261) que tem o poder de elevar a alma e despertar um sentimento de encantamento. Nesse sentido, coadunamos com Amaral (2022) quando ele diz que o nome Dedalus, possui uma conotação de labirinto, de forma que Stephen carregava consigo esse intrincado emaranhado e a batalha a qual ele tinha pela frente, consistiria em libertar-se. Isso implicaria a ruptura com vínculos familiares, religiosos e sociais. Mostramos, na primeira parte deste artigo, que o nome Dedalus remete ao mito grego de Dédalo e Ícaro, cantado pelo poeta latino Ovídio em *Metamorfoses*. “Stephen sabia disso e mesmo assim estava disposto a desobedecer à casa, à pátria e à igreja em nome de sua liberdade como artista” (AMARAL, 2022. p. 462). A arte, portanto, seria o instrumento capaz de desatar os nós que o aprisionava.

#### **4. Algumas considerações**

O processo de autoconhecimento encontra na arte uma forma de evasão, constituindo-se como uma maneira de libertar-se das restrições e pressões sociais e religiosas que moldam as experiências individuais. A criação artística proporciona uma perspectiva de liberdade de expressão bem particular, além de uma experiência sensorial enriquecedora. A arte manifesta-se como propulsora do despertar de emoções e revela-se na construção da identidade, refletindo assim, a evolução do personagem Stephen Dedalus como artista. Essa trajetória, que se desenha a partir de uma interação complexa com diversos paradigmas estéticos, reflete a batalha de Dedalus na busca por sua própria visão artística, imerso em influências sociais, religiosas e culturais. Nesse contexto, a arte é apresentada como uma forma de autoexpressão, indagação e busca por

autenticidade artística, a fim de reavaliar paradigmas estéticos preexistentes, ao mesmo tempo em que capta as tensões da sociedade em busca da sua expressão criativa.

No universo simbólico que permeia o pensamento inquieto de Stephen Dedalus, destaca-se um elemento significativo do qual se pode extrair uma reflexão audaciosa: a vida de um artista se assemelha a um intrincado labirinto, no qual, somente os estetas mais perspicazes poderão extrair sentido. O artista necessita passar pelos crivos da memória para recordar de momentos passados, é provável que o talento artístico, ao se manifestar, venha a colorir com tons de exuberância o passado preto e branco que sua memória ousou resgatar. Portanto, nem sempre é possível dissociar a arte dos momentos recordativos na vida de um artista, ambos se entrelaçam pelo entendimento da arte e sua função genuína na vida concreta.

## 5. Referências

- ALVES, Murilo. A ratio studiorum jesuítica no espírito do Trivium. *Revista de Cultura Teológica*. Ano XXV, n. 80, p. 198-218, 2017.
- AMARAL, Vitor Alevato do. Stephen Dedalus, do labirinto à eternidade. *Revista Versalete*. Curitiba, Vol. 10, nº 18, p. 457 – 480, 2022.
- AQUINO, Tomás et al. *Suma teológica*. La Editorial Católica, 1947.
- BRAGA, Luiz Henrique Raele; PAZ, Ravel Giordano. As metamorfoses de Joyce: o labirinto na obra *Um retrato do artista quando jovem*. *Fólio-Revista de Letras*, v. 12, n. 2, 2020.
- CIGOGNINI, Enir. A possibilidade de uma reflexão estética em Tomás de Aquino a exemplo do juízo estético de Kant em sua *Crítica da Faculdade do Juízo*. *Revista Seara Filosófica*. N.13, Verão, p. 77- 86, 2016.
- FELIPE, Cleber Vinícius do Amaral. O conde de monte cristo e a catábase de Edmond Dantès. *Revista USP*. São Paulo. N. 129, p. 113-126, 2021.
- JOYCE, James. *Um retrato do artista quando jovem*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin/ Companhia das Letras, 2016.
- LEVIN, Harry. *James Joyce*. New York: New Directions Book, 1960.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- OVÍDIO. *Metamorfoses*. Trad. Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.
- QUINTALE, Flávio. James Joyce e romance de formação: Um retrato do artista quando jovem. *Literatura e Sociedade*. Nº 27. P. 61 – 76, 2018.
- ROSENFELD, Kathrin. *Estética*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*: Tradução: Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2018.

SANCHEZ, Adolfo Vázquez. *Convite à estética*. Tradução: Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à estética*. 12<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.